



Baía De Luanda

Dossiê Conceptual



Angola

Diz que te amo para sempre!
Que te quis a cada instante
que aqui não pude estar.

Diz que te sonhei frente a mim.
Que te bebi na constante
vontade de te ter e não saber.
De te conceber e não te querer.

Cada grau de areia teu
completa cada penoso minuto
que estive afastada de ti.

Sou tua para a eternidade dos céus,
para a efemeridade continua do absoluto.

O meu coração de longe voltou,
para ficar perpetuamente ligado a ti.



Logline

Pérola regressa a Angola e a sua volta vai despertar-lhe sentimentos e desejos que ela não sabia que possuía. Vai fazê-la ouvir, pela primeira vez, a voz do seu coração.



Sinopse

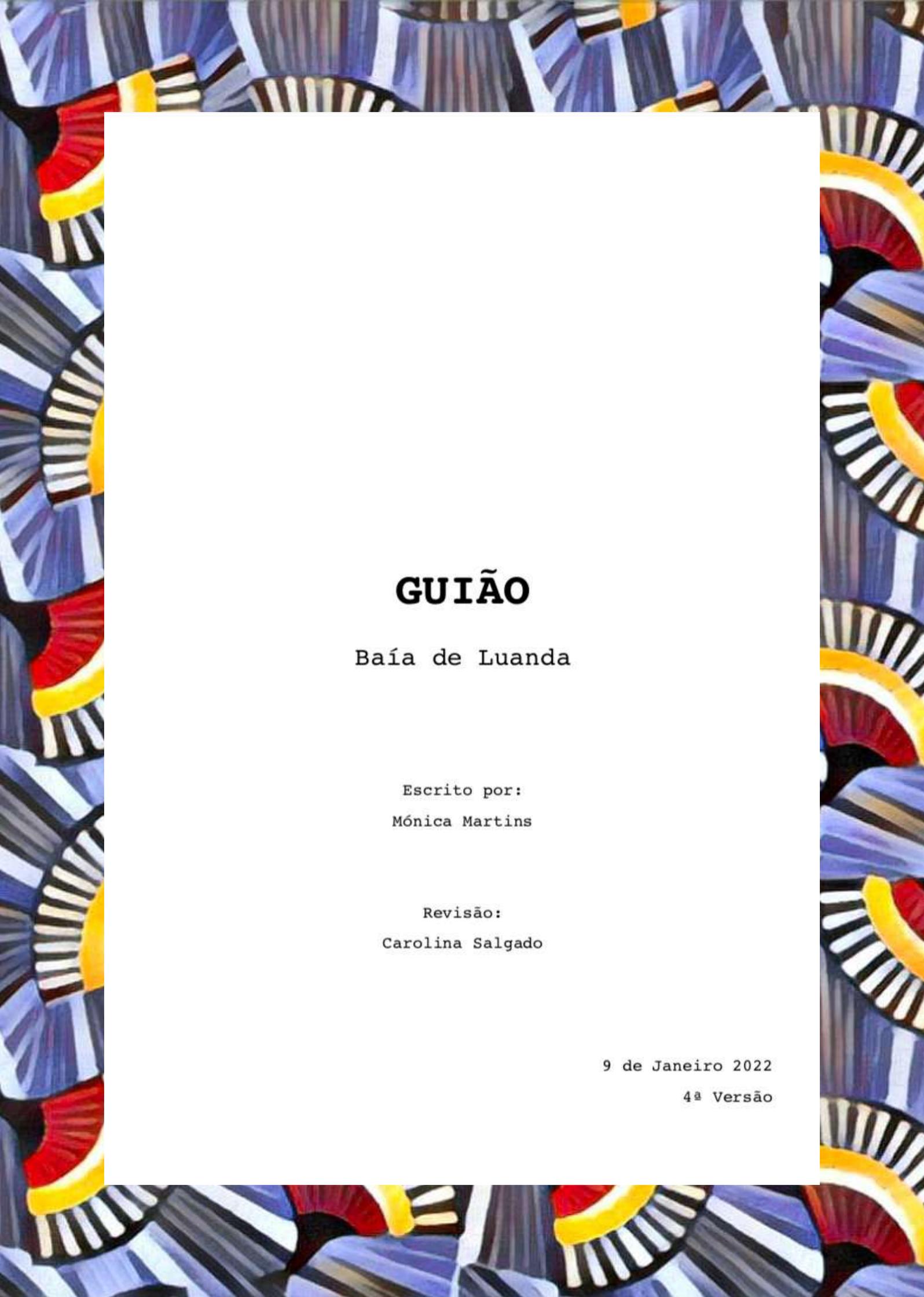
Pérola é uma mulher advogada de trinta e nove anos, esta regressa a Angola, para o Alambamento da irmã mais nova, após mais de duas décadas fora do seu país natal.

Ao retornar Pérola percebe que não se encaixa naquele espaço, que o mundo que a viu nascer, agora é lhe desconfortável. De início, não tenta integrar-se, pelo contrário mantém-se afastada com um olhar julgador sobre as atitudes e ações dos parentes.

Contudo, com o desenrolar da festa, Pérola vai-se apercebendo da beleza daquele lugar. Aquela terra e aqueles pessoas revelam um encanto que esta não esperava.

No final, a protagonista percebe que o vazio e solidão que sentiu durante anos, mais não eram que a sua terra chamando-a de volta.





GUIÃO

Baía de Luanda

Escrito por:
Mónica Martins

Revisão:
Carolina Salgado

9 de Janeiro 2022

4ª Versão

CENA 1- INT. QUARTO DE PÉROLA- NOITE

O quarto está imerso em escuridão. A pouca luz que existe entra pelos estores abertos. PÉROLA (39) está deitada na cama coberta apenas com um lençol branco. Trás vestida uma camisa de dormir em seda azul celeste. Tem o longo cabelo castanho espalhado pela almofada branca. Aos pés da cama é possível ver malas abertas com roupas e sapatos espalhadas ao redor delas.

No quarto, é possível ouvir um ligeiro ruído de música tradicional angolana (Semba), de risadas de mulheres e de murmúrios de conversas longínquas.

Pérola abre os olhos e movimenta-se na cama em sinal da sua insónia, atira os lençóis para um lado e gira o corpo para o outro.

Dá-se por vencida e levanta-se da cama. Pega no copo de água que tem na mesinha de cabeceira ao lado do relógio que marca a vermelho 2:00H. Dirige-se à janela, segurando o copo de água na mão direita. Afasta as cortinas e abre a janela de vidro com a mão contrária. Uma ligeira brisa entra no quarto, com ela trás uma lufada de ar fresco que sacode o cabelo, imaculadamente esticado, de Pérola e a música. Se antes, o ritmo angolano parecia uma ruído longínquo perdido no quarto, agora ele demarca a sua presença, sendo possível decifrar cada palavra da música.

Pérola olha para a rua cheia de festa do outro lado da janela. A luz amarela da rua ilumina o seu rosto, criando um enorme contraste com a escuridão que vem do quarto. Pérola observa o mundo enquanto bebe, em pequenas goladas, a água do copo. Fecha os olhos e tenta sentir o ambiente ao seu redor.

CENA 2- INT. QUARTO DE LUENA- DIA

Pérola encontra-se sentada na cama a observar o frenesim que se passa no interior de casa. A irmã LUENA (20) está sentada no toucador à direita da cama e a irmã ZURI (35) tenta apanhar-lhe o cabelo de modo a caber no turbante. O olhar de Pérola segue o percurso das grandes fissuras nas paredes azuis do quarto. Estas levam-na para o velho roupeiro de madeira de cerejeira. O pobre armário está tão gasto que as suas portas não se conseguem manter direitas.

Os cortinados de flores estão corridos, desse modo não se consegue ver o que se passa no terraço. Há um imenso barulho de mesas a serem mexidas e de cadeiras a serem arrastadas pelo chão. Homens gritam coisas sobre montagem de móveis e de aparelhagens de som. Pérola afasta o olhar da janela e volta a olhar para as irmãs. Estas estão perdidas nos seus próprios pensamentos, distraídas demais para dizer seja o que for.

No lado direito das mulheres, encontra-se a porta do quarto. Esta está entre-aberta, o que permite a entrada do forte aroma da quizaca acabada de fazer. Ouvem-se mulheres a discutir na cozinha, porém o som é tão abafado que Pérola não consegue identificar o teor da conversa. Luena olha para Pérola através do espelho.

LUENA

Ainda não te agradeci por teres vindo.

PÉROLA

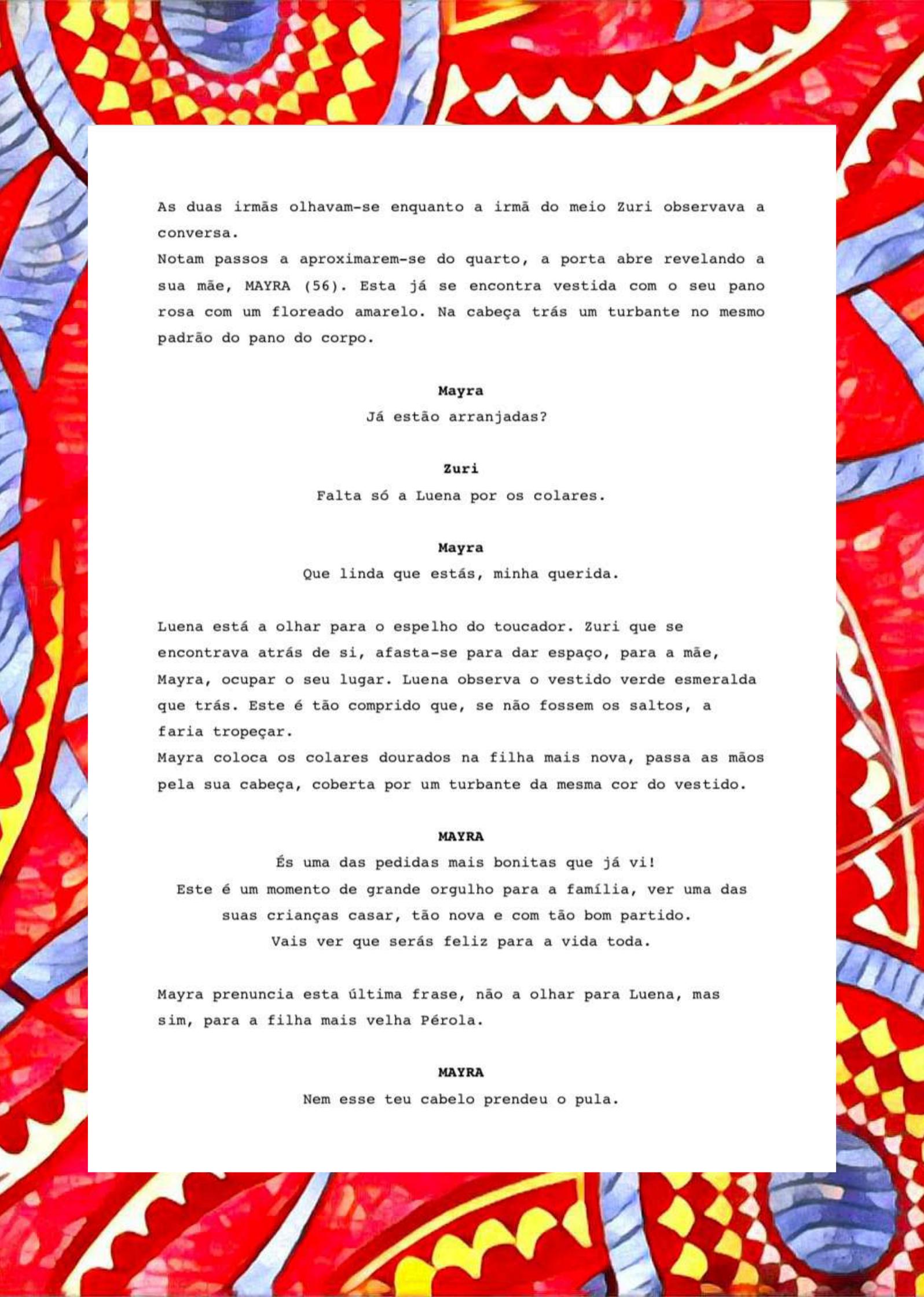
Não há nada para agradecer. Sou tua irmã mais velha é óbvio que ia querer estar presente num dia tão importante como este.

LUENA

Eu sei que os últimos tempos têm sido difíceis para ti.

PÉROLA

Uma coisa não impede a outra.



As duas irmãs olhavam-se enquanto a irmã do meio Zuri observava a conversa.

Notam passos a aproximarem-se do quarto, a porta abre revelando a sua mãe, MAYRA (56). Esta já se encontra vestida com o seu pano rosa com um floreado amarelo. Na cabeça trás um turbante no mesmo padrão do pano do corpo.

Mayra

Já estão arranjadas?

Zuri

Falta só a Luena por os colares.

Mayra

Que linda que estás, minha querida.

Luena está a olhar para o espelho do toucador. Zuri que se encontrava atrás de si, afasta-se para dar espaço, para a mãe, Mayra, ocupar o seu lugar. Luena observa o vestido verde esmeralda que trás. Este é tão comprido que, se não fossem os saltos, a faria tropeçar.

Mayra coloca os colares dourados na filha mais nova, passa as mãos pela sua cabeça, coberta por um turbante da mesma cor do vestido.

MAYRA

És uma das pedidas mais bonitas que já vi!

Este é um momento de grande orgulho para a família, ver uma das suas crianças casar, tão nova e com tão bom partido.

Vais ver que serás feliz para a vida toda.

Mayra prenuncia esta última frase, não a olhar para Luena, mas sim, para a filha mais velha Pérola.

MAYRA

Nem esse teu cabelo prendeu o pula.



Pérola levanta-se e pega no turbante que se encontrava ao seu lado na cama. Esta saí da divisão sem dizer nada. Para trás ficam as irmãs a discutirem com a mãe.

LUENA

Mãe!

ZURI

Qual é a necessidade desses comentários?

CENA 3- EXT. TERRAÇO DA CASA DA TIA FÉLCIA- DIA

Pérola sai do interior da casa. Veste um pano roxo, com um padrão floral azul e cor de laranja, na cabeça tem um turbante colorido. No terraço à sua frente vive-se uma grande agitação. Dois homens vestidos de forma descontraída com chinelos e calções, montam o equipamento de som. Três mulheres de vestidos longos e largos, estendem as toalhas nas mesas redondas já posicionadas nos sítios corretos. ADELENE (66), uma senhora mais velha, com cerca de setenta anos, de lenço da cabeça, ajeita os arranjos de flores que se encontram em algumas mesas. Esta sorri para Pérola. A protagonista acena com a cabeça e retribui com um sorriso fechado. A tia Kieza e a tia Félcia discutem no fundo do terraço a disposição dos pratos na mesa da comida, quando estas notam a presença de Pérola vão ter com a mesma.

FÉLCIA

Que linda que estás!

Pareces de novo a menina que corria neste pátio.

PÉROLA

Obrigada Tia!

Félcia retoma a sua caminhada em direção à cozinha, quando Pérola anda até ela e chama-a de novo.

PÉROLA

Tia! Sabe quem é aquela senhora?

FÉLCIA

Quem? Aquela lá no fundo mais velha?

Pérola acena com a cabeça afirmativamente.

FÉLCIA

Ah, a Adelene! Não te lembras dela, querida?
Ela deu-te muitas vezes de comer, quando a tua mãe andava confusa
das ideias. Tu sabes, quando o teu pai foi embora.

Félcia seguiu de novo o seu caminho. Pérola voltou a olhar para a
senhora mais velha que lhe sorriu. Quando Pérola se ia aproximar
da senhora sente alguém tocar-lhe no ombro. Vira-se para ver quem
lhe tocou e vê CANDIMBA (40) com uma postura totalmente desleixada
e com um sorriso gigantesco na cara. Este abre os braços enquanto
diz de forma exagerada:

CANDIMBA

Quando disseram que a prima tinha voltado não acreditei!
Mas agora está aqui, à minha frente como aparição divina.

PÉROLA

Então, Candimba!

Eu não voltei para Angola. Só estou cá de férias.

CANDIMBA

Lugar de pula não é para a gente.
Nós somos felizes aqui, com kizomba, calor e gasosa.
Vais ver que aqui esqueces rápido do português.

PÉROLA

É por isso que tens famílias em três cidades
e não consegues manter nenhuma.

Pérola vira as costas ao primo. Deixando boquiaberto com o que a
prima acaba de dizer. Pérola procura com o olhar Adelene, contudo
não a volta a encontrar. A senhora não está mais a arranjar as
jarras com flores.

CENA 4- EXT. TERRAÇO DA CASA DA TIA FÉLCIA- DIA

Pérola está sentada. Do seu lado direito está a irmã Zuri e a sobrinha mais velha AMARA (16), do lado esquerdo a mãe. As cadeiras que mais cedo estavam vazias, encontram-se agora cheias de familiares. Ela não se lembra de muitas pessoas que estão naquele lugar, outras nasceram depois da sua partida, por isso nunca as chegou a conhecer. Porém, toda a gente naquele terraço parece saber quem ela é. Ele vê pessoas a sussurrar coisas que não entende e a apontar-lhe o dedo.

Pérola olha para a irmã mais nova Luena, ela sorri para os convidados e acena para alguns dos primos mais novos.

Enquanto Pérola passa com o olhar todos os convidados, depara-se novamente, com a senhora de há pouco, Adelene.

O seu noivo de Luena, YELLEN (22) entra, cumprimenta os tios, as tias e a sua mãe Mayra e a irmã Zuri. Este esquece-se de Pérola e dirige-se à noiva Luena.

NZINGA (54) um dos tios de Pérola e Luena, cumprimenta Yellen e dá início à cerimónia de Alambamento.

Nzinga

Bem-vindos a todos os familiares. Parabéns aos noivos! Vamos então dar início à cerimónia de Alambamento dos noivos Luena e Yellen.

Vamos começar, então, a ler a factura para oficialização de noivado:

- 1º carta de pedido dirigida ao pai da menina com USD 600;
- 2º um fato completo para o pai no 50 e calçado no 44 (gravata, camisa, meias e cinto)
- 3º um fato completo para o tio no 48 e calçado no 41 (gravata, camisa, meias e cinto;
- 4º dois pares de sandálias no 41;
- 5º duas peças de pano super Wax Holandês;
- 6º dois lenços;
- 7º dois Kimones;
- 8º seis grossas de fósforos;
- 9º dez grades de gasosa (coca-cola, fanta e sprite);

- 10º dez grades de cerveja importada;
- 11º dois garrafões de vinho tinto;
- 12º duas garrafas de whisky 12 anos;
- 13º duas garrafas de vinho do porto;
- 14º uma caixa de champanhe;
- 15º duas garrafas de amarula;
- 16º duas garrafas de cinzano;
- 17º um bode com uma barba menor de 5cm.

Enquanto o tio Nzinga lia a carta de pedido, as tias do noivo entravam com os icons descritos na lista e deixavam-nos ao pé da noiva.

Todos os familiares assistiam com atenção aquele momento. Pérola observava com atenção, não o pedido dos dois jovens sorridentes à sua frente, mas sim a cara dos seus familiares. Todos pareciam encantados com o instante, como se fossem retirado das suas realidades por breves momentos.

Pérola dá um meio sorriso e olha para o seu, rebaixa um pouco a cara até encarar a casa e o portão. Volta a olhar para os noivos e para a irmã ao seu lado que tem os olhos cheio de lágrimas. Toca no seu pano e no turbante e volta a encarar Adelene que a observava do outro lado do terraço. Mayra sem desviar o olhar da cara sorridente da filha mais nova, sussurra para a filha mais velha:

MAYRA

Se tivesses feito o que te disse e casado com um Angolano, agora não estarias assim.

CENA 5- INT. CASA DE BANHO- DIA

Pérola entra na pequena casa de banho de azulejos azuis claros, a falta de janelas e a luz azulada tornam o ambiente claustrofóbico. Abre a torneira, coloca as mãos no lavatório e encara o seu reflexo no espelho. Fica alguns minutos assim, a olhar para si mesma refletida na superfície refletora. O som abafado das conversas animadas dos convidados e a música Angolana ouvem-se na pequena divisão.

Pérola tira o plano da cabeça, o seu cabelo ondulado cai-lhe nas costas, estas passa água no rosto tentado tirar a maquilhagem. Volta a olhar para o seu reflexo e pequenas lágrimas escorrem-lhe pelo rosto. Olha para o lavatório cheio de água e volta a olhar para si.

Põem a mão na cara para tentar esconder o seu choro progressivamente mais forte. Vira costas ao espelho. Continua com uma mão apoiada no lavatório enquanto desce o resto do corpo em direção ao chão.

Pérola fica assim, sentada no chão daquela casa de banho azul, a chorar, enquanto olha a água transbordar o lavatório e começar a inundar o chão.

CENA 6- EXT. TERRAÇO DA CASA DA TIA FÉLCIA- PÔR DO SOL

Os convidados estavam espalhados pelo terraço com garrafas e copos na mão. Kizomba tocava. Algumas mulheres jovens dançavam no centro do terraço, outras, mais velhas, ficavam sentadas a conversar. Pérola sai de casa, ainda trás o pano no corpo, porém o turbante foi deixado para trás. O seu cabelo está encaracolado e o seu rosto sem maquilhagem. Esta senta-se numa das mesas mais afastadas, quase perdida na sombra do pátio, Pérola observava os familiares se divertirem. Olha para o seu reflexo, projetado na janela de casa à sua frente. Repara nas suas roupas angolanas, no seu cabelo desleixado e sorri. Volta a olhar para a família. Luena olha para Pérola da pista de dança cheia de gente. Afasta-se das pessoas que se amontoam a dançar e aproxima-se de Pérola.

LUENA

Maninha! Não vais ficar aqui sozinha.
Vem junta-te à família.

PÉROLA

É melhor não. Eu nem conheço a batida.
Acho que dançaria errado.

LUENA

E isso importa?
Dançar é a melhor forma de mostrar a felicidade.
E há maneira certa de ser feliz?

Luena agarra a mão da irmã mais velha e puxa-a para perto da família. Pérola afasta-se do seu canto obscuro e aproxima-se do centro iluminado do terraço. Luena e Pérola juntam-se aos outros convidados que dançavam animadamente. Pérola fica presa e apenas, balança ligeiramente o corpo. Candimba agarra a mão da prima e conduz-la na dança.

CANDIMBA

Assim prima! Agora um passo para a esquerda.

PÉROLA

Isto está completamente errado!

Pérola diz isto enquanto gargalha.

Os membros mais velhos também se juntam à dança e, em pouco tempo, todos os convidados movimentam o corpo ao ritmo do Kizomba angolano.

Pérola dançou com Candimba, com a sobrinha Amara, com as irmãs e até mesmo com gente que ela nem conhecia.

CENA 7- EXT. TERRAÇO DA CASA DA TIA FÉLCIA- NOITE

Pérola dançou até cair a noite. Alguns convidados já tinha ido para as suas casas. O centro do terraço que funcionava como "pista de dança" tinha agora só três casais a dançar ao ritmo de um slow romântico.

Alguns membros mais velhos estavam sentados a beber cervejas nacionais, enquanto conversam de assuntos rotineiros.

Pérola pega numa lata de gasosa e volta para o seu canto do pátio, sentando-se na pequena barandilha do pátio. Olha para a lua e sorri.

Sente alguém aproximar-se e encostar-se perto de si.

ADELENE

O teu nome significa brilhante como a Lua.

Pérola vira-se e vê Adelene. Sorri-lhe.

PÉROLA

A tia Félcia disse que nunca tinha visto uma lua tão brilhante como a do dia em que eu nasci.

ADELENE

Não existe sítio no mundo, que a lua brilhe tanto como em Angola.

PÉROLA

Foi isso que a fez apaixonar por esta Terra?

Adelene gargalhou.

ADELENE

Não! Pelo menos, não de início.

É isso que te está a fazer re-apaixonar por Angola?

Pérola não responde e volta a olhar para a lua.

ADELENE

Fugi para Portugal, por amar perdidamente um homem.

Era um soldado de guerra.

Quando lá cheguei, vi que tinha outra mulher.

Não te enganes, tem sempre outra!

O amor por um homem pode ser intenso, contudo é passageiro.

Já o amor pela Terra, pode ser tão subtil como uma pena, mas está eternamente cravado no nosso ser.

A Terra que te viu nascer nunca te troca, é paciente e espera até ao dia em que a sua filha decide voltar. Aí, abre os seus braços e recebe-te, como se nunca lhe tivesses virado as costas.

Foi quando voltei que comecei a olhar a lua e percebi que, aqui, brilha mais forte que em Portugal.

Não há lugar em que o teu coração possa brilhar mais do que no sítio onde nasceste.

E tu sabes de onde és.

PÉROLA

Daqui, da Baía de Luanda.



Pérola

É uma mulher angolana de 39 anos, alta e elegante. Devido ao seu trabalho como advogada numa grande sociedade de direito, anda sempre bem vestida com calças de alfaiataria e saltos.

Passou os últimos 20 anos da sua vida a tentar esconder as suas origens africanas, cobrindo o rosto com maquilhagem e esticando imaculadamente os seus longos cabelos pretos. É uma mulher ambiciosa, dessa forma, tudo que fez durante a sua juventude e metade da sua idade adulta, foi trabalhar arduamente para conseguir chegar a um novo status social.

Contudo, Pérola é uma mulher vazia, amargurada com vida solitária e depressiva que leva. Mantinha um casamento não por amor o marido, mas porque se tornou normal partilhar a casa com ela. A insistência das irmãs levam-na de volta Angola, após 27 anos desde a sua partida, aí Pérola apercebe-se que o que mais amou e desejou na vida nunca foi o poder e dinheiro que o trabalho lhe conferia, mas sim, aquela pequena terra encostada à baía de Luanda.



Manuela Paulo

Zuri

É uma mulher angolana de 36 anos, baixa e gordinha. Esta emigrou para Portugal, com a mãe e a irmã, quando adolescente. Foi nesse país que encontrou o homem com quem viria a casar anos mais tarde, Artur. Este um angolano de segunda geração que nasceu e cresceu numa pequena casa na Cova da Moura.

Quando Zuri teve oportunidade financeira, voltou para Angola com a mãe, a irmã mais nova, o marido e os dois filhos pequenos.

Hoje, é uma dona de casa que ama a família e as tradições do seu povo. Nunca pensa muito no termo felicidade, visto que, para ela isso só existe para aqueles que tem muito tempo livre e, por isso, podem pensar em parvoíces.



Nádia Yracema

Luena

É uma jovem mulher angolana de 22 anos, de estatura média e com um corpo ampulheta. Tem os seus longos cabelos escuros presos em tranças africanas. É filha do segundo casamento de Mayra, por isso, nasceu em Portugal. Apaixonou-se muito jovem pelo descendente de um soldado português, Yellen. Assim que o seu amante arranjou um trabalho e uma casa, o casal decidiu casar-se. Luena é uma jovem doce e amorosa, não questiona as tradições nem, o facto de, o seu futuro estar limitado a um casamento e um par de filhos. Ela acredita que foi educada para isso e, desse modo, não faz nada que ponha em questão esses ensinamentos.



Adelene

É uma senhora angolana de 66 anos. Devido à idade tem já alguns cabelos brancos e rugas no rosto. A sua expressão é de quem viveu a sonhar e, por isso, teve uma vida feliz.

Adelene nasceu e cresceu em Luanda e, foi nessa cidade que conheceu Manuel, um soldado português destacado para servir em Angola. Adelene apaixonou-se tremendamente por Manuel, contudo o soldado teve de regressar a Portugal quando a guerra findou. Adelene, desolada, agarrou em todas as suas poupanças e foi para Portugal atrás do seu amado. Porém, quando lá chegou percebeu que Manuel já tinha uma nova família, longe dela.

Sem ter como voltar a Luanda, Adelene trabalhou durante anos até conseguir voltar à Terra, a única coisa que valeu o seu amor.

Quando regressou, conheceu Pérola e Zuri, duas crianças cujo o pai desaparecera. Sentida com a história das vizinhas, Adelene passou a tomar conta das meninas, enquanto a mãe das crianças passava por uma grave depressão.

Hoje, Adelene ainda vê Pérola como a filha que nunca teve, apesar de, a agora mulher, não se recordar da existência da vizinha.

Mayra

É uma mulher angolana de 57 anos, mãe de Pérola, Zuri e Luena. Devido a todas as adversidades da sua vida tornou-se uma mulher amargurada que segue à risca todos os ensinamentos religiosos, mas sobretudo as convenções sociais.

É o oposto da Pérola e, por isso, não se dá bem com a filha mais velha. Contudo, deposita todas as suas esperanças na filha mais nova Luena.

Félcia

É uma mulher angolana de 66 anos, irmã mais nova de Mayra. Esta é uma senhora simpática, com uma cara sorridente e sempre amável com toda a gente. Anda com as costas um pouco curvadas, reflexo do peso trazido por sete filhos, e 12 netos.



Candimba

É um homem angolano de 39 anos, alto e magro. É primo de Zuri e Pérola e, por ter uma idade muito semelhante à das irmãs, cresceu com elas.

Candimba nunca saiu de Angola, nasceu e cresceu em Luanda, porém quando ficou mais velho conseguiu trabalho como camionista, por isso, hoje passa a maior parte dos dias a viajar pelas cidades do país africano.

Oficialmente é casado com Lueji, porém nas suas longas viagens, foi arranjando mais mulheres noutras cidades do país.

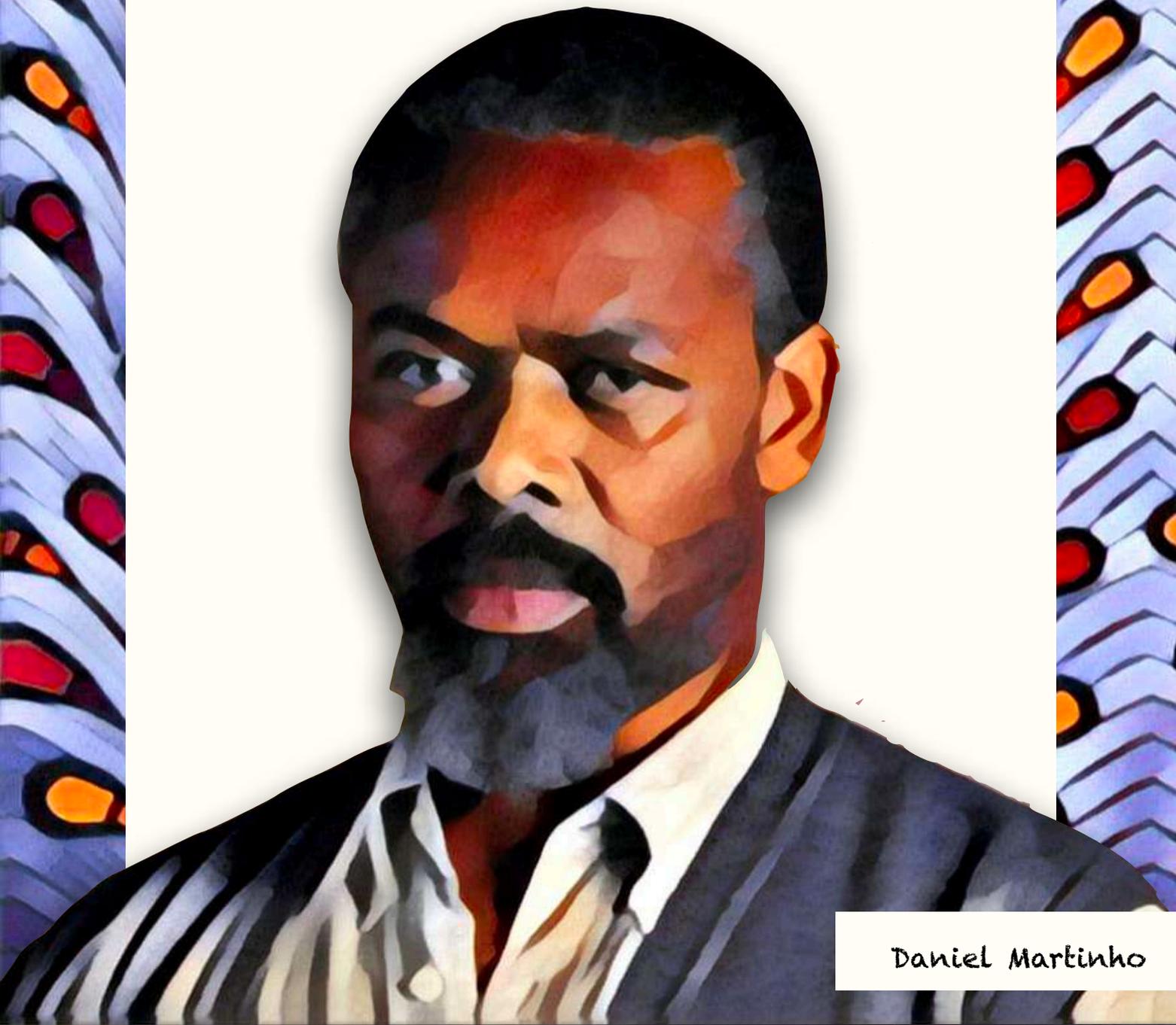
É um homem divertido, com uma postura desleixada e sempre com uma piada e um cigarro na boca.



Giovani Bernardo

Nzinga

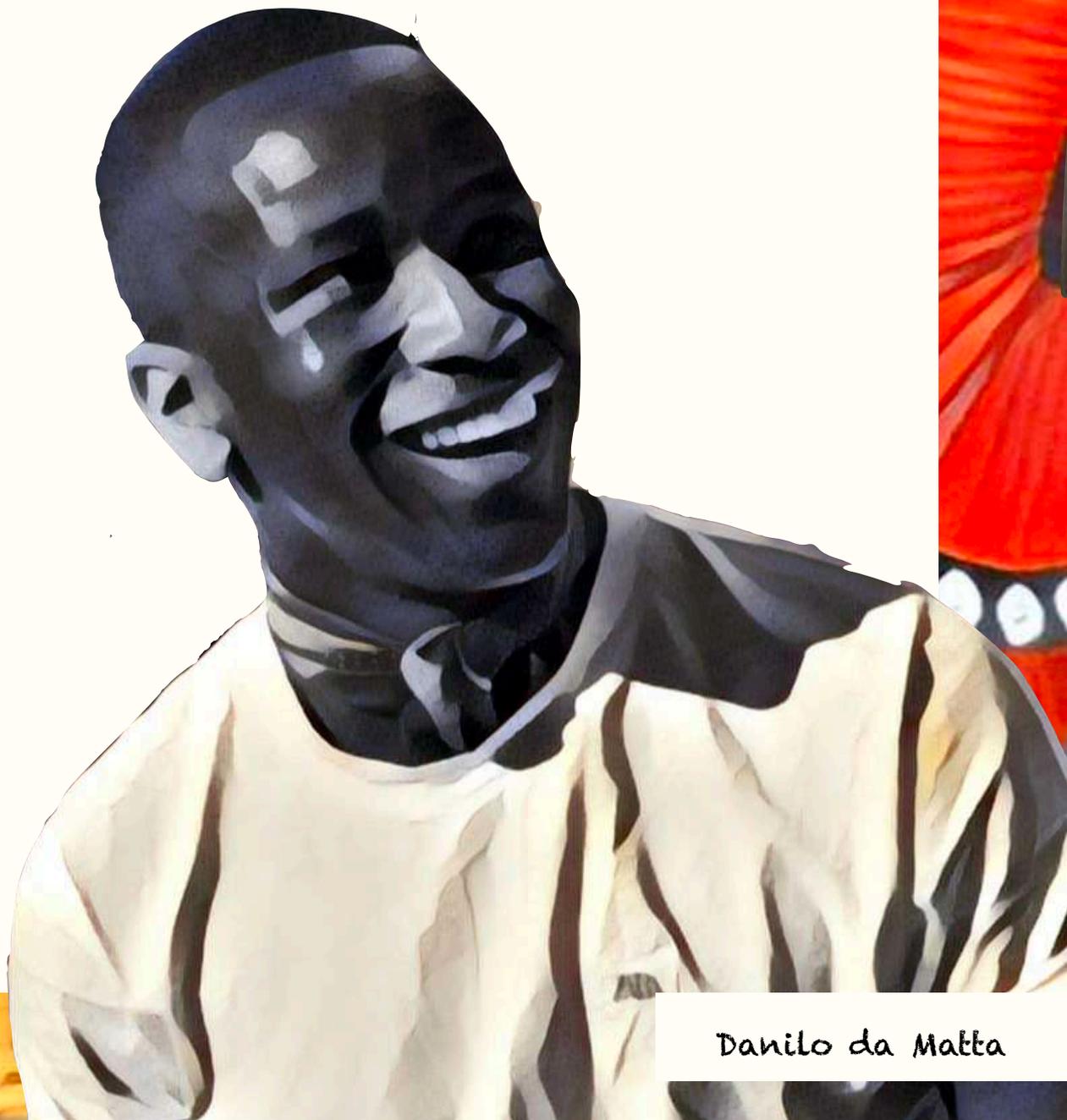
É um homem angolano de 60 anos, baixo, gordo e com os poucos cabelos que lhe resta, brancos.



Daniel Martinho

Yellen

É um jovem rapaz mestiço com 22 anos, devido ao seu trabalho nas obras tem um corpo bastante desenvolvido.



Danilo da Matta



Notas Finais

Baía de Luanda é um filme subtil que se revela nos pequenos detalhes. A relação da Pérola com a família, mas sobretudo dela com o espaço não é algo que se possa mostrar de forma escancarada. É no pormenor dos pequenos atos que o conflito do filme se desenrola. Do facto da protagonista rejeitar o seu cabelo tão característico de decentes africanos, de não se sentir confortável com o pano nem com as ideologias do seu povo. Todos estes pontos são mostrados de forma passageira, sendo quase imperceptíveis para os olhares menos atentos.

A música e a cor, também serão usados a favor do conflito. Logo na primeira cena, é possível perceber que quando Pérola estava fechada no quarto a tentar dormir, ela apenas conseguia escutar um mero ruído da música angolana. Simbolizando com isto, a permanência da sua cultura dentro de si, porém tão esquecida que quase não se fazia ouvir. Quando a protagonista decide levantar-se e abrir a janela, a música passa a ouvir-se de forma clara, revelando que, basta Pérola abrir o seu coração para Angola(a sua Terra) voltar a fazer parte dela.

Quanto à cor, também esta se revela um fator muito importante na construção da história. O filme terá dois tons principais, laranja e azul. A cor laranja significa aconchego, já a azul pode significar solidão. Essa é a dualidade da nossa história, desse modo, veremos tons mais quentes e laranja quando tivermos a observar a família, em contra partida veremos tons muito mais azulados e frios quando a protagonista tiver sozinha em campo.

